



PRESIDÊNCIA DO
CONSELHO DE MINISTROS

*Gabinete do Primeiro
Ministro*

"Sou um provinciano, nascido em Viseu..."

Jornal de Notícias, 1980.X.19

"Sou um português confiante e orgulhoso".

Expresso, 1983.III.1

O centenário do nascimento de Azeredo Perdigão é um excelente pretexto para recordarmos esta figura ímpar da história recente portuguesa.

Beirão, brilhante advogado, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian: poderíamos assim resumir numa linha o percurso extraordinário deste Homem.

Azeredo Perdigão era senhor de uma modéstia levada quase ao exagero, de um arreigado sentido de justiça, de uma verdadeira paixão pela sua profissão de advogado, de uma fidelidade, abnegação e sentido do Dever, sem falhas.

Eis talvez as traves mestras que orientaram o percurso linear e surpreendente de um homem que teve entre as mãos a oportunidade de mudar a face do país.

É que do célebre encontro com Calouste Sarkis Gulbenkian, e posterior legado de parte da sua fortuna à Fundação, quase tudo ficara por definir. Apenas ficou escrito que essa futura instituição deveria ser portuguesa, perpétua e filantrópica. Azeredo Perdigão deu corpo e alma a estes conceitos. No entanto, sempre se defendeu de evidenciar protagonismos e declarava que apenas cumpria as vontades testamentárias do Sr. Gulbenkian: "Eu não tenho criações próprias..." dizia. Ora, os fins sociais e culturais da Fundação, cujos estatutos redigiu, são indissociáveis do carácter, apetências e gostos do Dr. Azeredo Perdigão.

O papel da Fundação tornou-se assim, e quase que natural e consensualmente, complementar da acção dos governos sucessivos, nas áreas da educação, da saúde, da investigação científica e da arte, transformando-se simultaneamente no centro nevrálgico do poder cultural em Portugal. A sua dimensão e margem de acção mais que duplicaram sob a presidência de Azeredo Perdigão, e o seu mandato vitalício à frente desta instituição permitiu-lhe cumprir um papel incontornável no desenvolvimento de Portugal.

Pode dizer-se que Azeredo Perdigão, embora não se afirmasse politicamente, encarou a presidência da Fundação como um estadista, atento às necessidades de Portugal, às suas possibilidades de desenvolvimento. Citemos alguns exemplos: a **descentralização**: "É uma coisa por que eu luto: é indispensável criar na província acção, iniciativa, actividade e manutenção dessa actividade"... "É o sementeiro local que conhece as necessidades, que conhece o terreno, nessa altura, a Fundação Calouste Gulbenkian ajuda"; a **internacionalização**: "Vivemos num contexto multilateral e Portugal é a porta para o atlântico...", o **voluntarismo**: "É nós queremos. É querer... é preciso querer, porque como tão bem diz o nosso povo, "querer é poder". in *Jornal de Notícias, 1980.X.19.*

Azeredo Perdigão dizia de si próprio: "Sou um homem vulgar que apenas ama o seu trabalho. Servir é uma honra e um prazer. Nunca estou contente com o que faço. Por isso dou tanto valor ao diálogo e sobretudo à crítica". Deixando-nos grandes lições de vida e de acção: "Eu não concebo nada de mais difícil do que julgar, julgar os outros" (*Expresso, 1983.III.19.*)

Mas talvez o seu sentir mais profundo seja aquele que nos foi revelado numa das últimas entrevistas que concedeu ao Expresso (1989.XII.08), porque este homem secreto e prudente que afirmou "Na vida não há certezas. A não ser aqueles que têm a sorte de ter uma fé muito profunda". Tinha também uma inabalável e optimista paixão pela vida (seria esse o segredo da sua lúcida longevidade?): "Amar a vida? Com certeza que sim. E disposto a vivê-la enquanto puder".

Possamos nós aprender um pouco com a memória, e com o legado de vida, de pensamento e de acção, do Dr. José Henrique de Azeredo Perdigão.



(António Guterres)